



DESINFORMAÇÃO FRENTE À PANDEMIA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE RECEITAS CASEIRAS CONTRA O CORONAVÍRUS

Clara Moreira Molinari¹

Universidade Estadual de São Paulo (Unesp)

RESUMO

Este artigo, calcado na filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin, propõe analisar alguns enunciados “desinformativos” de métodos e receitas caseiras que propõem a cura da COVID-19. Como percurso analítico, exploramos o método dialético-dialógico, que se apoia no cotejamento de textos e de seus contextos para compreender a dimensão dialógica dos enunciados. Os resultados obtidos revelam, sobretudo, as relações de sentido, as projeções axiológicas e a colisão de vozes que emergem desses enunciados.

Palavras-chave: Enunciado. Dialogismo. Círculo de Bakhtin. Coronavírus.

ABSTRACT

This article, based on the philosophy of language of the Bakhtin Circle, proposes to analyze some “uninformative” utterances about homemade recipes that suggest the cure of COVID-19. As an analytical path, we explore the dialectical-dialogical method, which is based on the comparison of texts and their contexts to understand the dialogical dimension of the utterances. The results reveal, above all, the relations of meaning, the axiological projections and the collision of voices that emerge from these statements.

Keywords: Utterance. Dialogism. Bakhtin Circle. Coronavirus.

INTRODUÇÃO

O avanço da pandemia evidenciou a quantidade e a heterogeneidade de notícias, informações e, sobretudo, desinformações, relacionados a cura, prevenção e tratamento da COVID-19. Devido a larga escala de propagação de enunciados com conteúdos deliberadamente falsos, a Organização das Nações Unidas (OMS) cunhou o termo *infodemia*², que diz respeito à superabundância de informações, algumas precisas e outras não, mas que dificultam a encontrar fontes idôneas e orientações diretas confiáveis. Em um contexto no qual informações são essenciais para preservar e salvar vidas, a abundância de (des)informações impacta diretamente o número de casos e dificulta a superação da pandemia em andamento.

Neste artigo, que traz em seu interior reflexões de uma pesquisa mais ampla sobre desinformações, nos pautamos nos pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin para analisar alguns enunciados que trazem receitas com métodos caseiros de cura e prevenção da COVID-19. Ao adotar essa perspectiva teórico-analítica, entendemos a linguagem num contexto social concreto, como reflexo e refração do mundo e, portanto, essencialmente valorativa e dialógica.

¹ É mestre em Linguística e Língua Portuguesa pela Unesp, câmpus de Araraquara. Email: clara.molinari@unesp.br

² Relatório *Managing the COVID-19 infodemic*.

Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240010314>. Acesso em 20 de março de 2022.



Compreender a dialogia como atributo da linguagem permite uma expansão nos sentidos que são produzidos no interior dos discursos e revela a real dimensão de significados que emerge dos enunciados que compõem a nossa análise. Em nosso percurso analítico, entendemos que o enunciado não existe de maneira fixa e isolada, mas que “é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2011, p. 272) e que, portanto, estabelece diálogo com dizeres anteriores e/ou posteriores que podem ser (parcialmente) recuperados por meio do cotejamento com outros textos.

O cotejamento de textos consiste em analisar diferentes enunciados em relação uns com os outros para, de acordo com Geraldi (2012), a construção de uma compreensão mais profunda dos sentidos. Sendo a compreensão completa do texto uma atividade interpretativa e ativa, o movimento de cotejo permite que o pesquisador expanda os contextos e reconheça quais vozes estão sendo reverberadas nos discursos, recuperando significações e dialogando com outros enunciados.

É importante destacar que, para Bakhtin (2011), não é possível que o enunciado seja absolutamente neutro, uma vez que toda enunciação é construída considerando um horizonte apreciativo específico em que ocorrem disputas de sentido. Logo, a relação que o enunciador possui com o objeto do seu discurso motivará a escolha dos recursos (lexicais, gramaticais e composicionais) de seu enunciado.

Partiremos, portanto, da premissa de que todo enunciado, quando produzido, contempla um contexto sócio-histórico que nos auxilia a compreender os sentidos que são produzidos em interior.

1 AS RECEITAS CASEIRAS

O contexto pandêmico, o qual a nossa análise está inserida, acarretou inúmeras disputas discursivas relacionadas à COVID-19 e o contraste e o confronto de opiniões evidenciou a polarização já existente no país entre sujeitos de direita e sujeitos de esquerda. Desse modo, as medidas de contenção do coronavírus se transformaram em uma arena³ onde se confrontam valores e posicionamentos sociais contraditórios a respeito de assuntos como, por exemplo, o isolamento social, as recomendações da OMS e o uso da hidroxicloroquina e outros medicamentos como “tratamento precoce” do vírus.

Em meio a esse panorama, desde o início da pandemia inúmeras receitas caseiras foram divulgadas como indicações de prevenção ou cura da COVID-19, de acordo com um estudo conduzido pela Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP)⁴. A primeira etapa da pesquisa, realizada a partir do balanço das denúncias de notícias falsas recebidas no primeiro semestre de 2020, revelou que 65% delas ensinavam métodos caseiros para prevenir e 20% ensinavam métodos caseiros para curar a COVID-19. Na segunda fase do estudo, a diversidade de conteúdos aumentou e, em primeiro lugar, estavam as notícias falsas que afirmavam que a doença era uma estratégia política (24,6%).

³ Todo enunciado é marcado por tensões discursivas, constituindo-se em uma arena, ou ainda “palco” (VOLÓCHINOV, 2017), em que as múltiplas vozes se digladiam.

⁴Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br/estudo-identifica-principais-fake-news-sobre-covid-19>. Acesso em 8 de abril de 2022.



Entretanto, métodos caseiros para prevenir o contágio do novo coronavírus (10,1%) e para cura (5,8%) continuaram aparecendo entre os temas mais relevantes.

O projeto “Saúde Sem *Fake News*”, lançado em agosto de 2018 pelo Ministério da Saúde, tem como intuito verificar as principais mensagens que são enviadas pela população e, posteriormente, realizar uma classificação e explicação de seu conteúdo. Entre as *fake news* classificadas como falsas encontramos, sobretudo, enunciados que traziam métodos caseiros de cura e prevenção da doença. Na figura a seguir, o conteúdo que foi checado pelo Ministério refere-se à ingestão do chá de erva-doce como uma forma de tratamento ao coronavírus, já que é dito que ele possui as mesmas propriedades do *Tamiflu* – um medicamento que é comumente utilizado para o tratamento de inúmeros casos gripais.

Figura 1: Tratamento com chá de erva doce



Fonte: Ministério da Saúde⁵, 2022.

Logo no início, o enunciado elenca diversas orientações de prevenção ao coronavírus, entre as quais somente duas são oficializadas pelos órgãos de saúde: o uso do álcool em gel e a lavagem mais frequente das mãos. Na sequência, há ênfase para a palavra “erva-doce”, em letras garrafais e em negrito. Como forma de passar credibilidade e legitimar o que está sendo enunciado, notamos o argumento de autoridade que é construído pela voz da medicina (neste caso, do infectologista)

⁵Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/fakenews/46440-cha-de-erva-doce-e-coronavirus-e-fake-news>. Acesso em 6 abril de 2022.



que “recomenda” a ingestão do chá de erva-doce. Na associação entre o verbal e o visual, os elementos da área da saúde como a luva e as ampolas remetem à esfera médico-científica, assim como os termos “TAMIFLU”, “gripe A – H1N1” e “12 em 12/horas”, que também são palavras destacadas em negrito.

Uma das razões pela qual esse tipo de conteúdo enganoso seja tão difundido nas redes pode ser explicada pelo baixo custo e facilidade de acesso para que as receitas caseiras sejam executadas e pela linguagem acessível utilizada, oposta à que é empregada na esfera científica.

É importante notar que as receitas caseiras podem mudar de acordo com os aspectos culturais de cada país. Na República Checa, por exemplo, a crença no poder curativo do alho é tão grande que o governo precisou adicionar às orientações oficiais de saúde que a ingestão de alho não preveniria a doença⁶. Já na Venezuela, o presidente Nicolás Maduro, recomendou no *Twitter* um antídoto feito com capim-santo, gengibre, sabugueiro, pimenta do reino, limão e mel de abelha⁷. Logo após a publicação, o presidente teve o seu *tweet* removido pela rede social, que afirmou que a postagem continha informações sem estudos científicos comprovatórios.

Também podemos citar como exemplos de receitas que circularam em diferentes redes sociais a associação da água quente com limão e o gargarejo com água e sal ou vinagre. Esta última também teve seu conteúdo checado pelo site do Ministério da Saúde que o sinalizou como falso e reforçou a população que “até o momento [abril de 2020], não há nenhum medicamento, substância, vitamina, alimento específico ou vacina que possa prevenir a infecção pelo coronavírus (COVID-19)”.

Figura 2: Gargarejo com água e sal

⁶ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/cacadores-de-mentiras/>. Acesso em: 12 de abril de 2022.

⁷ Disponível: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/03/26/interna_internacional,1132632/maduro-recomenda-mistura-de-ervas-com-mel-e-limao-para-combater-corona.shtml. Acesso em 14 de março de 2022.

**CORONAVÍRUS**

O corona-vírus, antes de atingir os pulmões, permanece na garganta por quatro dias e, nesse período, a pessoa começa a tossir e sentir dores na garganta. Se essa pessoa beber muita água e faz gargarejo com água morna, sal ou vinagre, isso eliminará o vírus. Divulgue estas informações, pois você pode salvar alguém se essa pessoa souber disso.

● Por que é falso?

Até o momento, não há nenhum medicamento, substância, vitamina, alimento específico ou vacina que possa prevenir a infecção pelo coronavírus (COVID-19).

Saúde **sem** Fake News

(61) 99289-4640
www.saude.gov.br/fakenews

Ministério da Saúde

Fonte: Ministério da Saúde⁸, 2022.

No enunciado verificado pelo Ministério da Saúde na figura 2, é afirmado que, antes de atingir os pulmões, o novo coronavírus permanece na garganta durante quatro dias. A solução para eliminar o vírus (representado na imagem de forma circular, cheio de “espinhos” por sua superfície) alojado na garganta seria realizar um gargarejo com água morna, sal ou vinagre.

Nas linhas finais, notamos uma solicitação para que o que está sendo dito seja divulgado: “divulgue essas informações, pois você pode salvar alguém se essa pessoa souber disso”. Esse tipo de pedido pode ser relacionado ao que no marketing digital convencionou-se chamar de *call to action* (em português, “chamada para ação”). O recurso consiste em trazer verbos no imperativo como “clique”, “compartilhe”, “salve”, para sinalizar qual ação o destinatário deve tomar ao interagir com determinado enunciado. Parte-se do princípio de que o enunciador, ao comunicar qual ação específica ele deseja que seja tomada pelos seus interlocutores, tem mais chances de que ela aconteça. Nesse caso em específico, há ainda uma argumentação apelativa, que assegura que a ação (de divulgar) pode salvar a vida de alguém.

O enunciado que analisaremos a seguir considera o chá de boldo como um método supostamente eficaz no combate aos sintomas da COVID-19. Na esfera da cultura popular, os discursos sobre as propriedades terapêuticas e medicinais dos chás estão associados ao cotidiano e

⁸Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/fakenews/46582-beber-muita-agua-e-fazer-gargarejo-com-agua-morna-sal-e-vinagre-previne-coronavirus-e-fake-news>. Acesso em 22 de março de 2021.



não raras vezes são, humoristicamente, associados à figura da “avó” – aquela que sempre recomenda algum tipo de recurso natural para o tratamento de enfermidades.

A construção dessa imagem afetiva da avó pode ser identificada por meio dos memes, trazidos aqui como cotejo para a análise que pretendemos nos aprofundar em seguida. Em consonância com o pensamento de Furtado (2019, p. 104), entendemos os memes como enunciados concretos que “se moldam rapidamente a depender do lugar em que circulam, propiciando uma rápida interação não apenas entre os sujeitos, mas também entre os próprios discursos”.

Figura 3: Memes sobre chás



Fonte: Facebook9, MemeDroid10, 2022, elaborado pela autora.

Ambos os enunciados da figura 3 demonstram como o chá, aqui especificamente o de boldo, é ironicamente apontado como a solução para todos os tipos de doenças que são apresentados. Na imagem da direita, a imagem de um dragão grande e forte é selecionada para simbolizar o chá de boldo [da avó], criando o efeito de sentido que se trata de um chá “poderoso” e, conseqüentemente, apropriado para o combate/cura de todas as doenças que são mencionadas (dengue, H1n1, meningite bacteriana e o coronavírus). Ainda de acordo com a autora, os exemplos dos enunciados em meme e outros discursos das mais diversas esferas sociais, refletem “uma cosmovisão cômica do mundo e ao mesmo tempo crítica e irônica.” (FURTADO, 2019, p. 125). Podemos citar ainda outra manifestação discursiva, em formato de vídeo¹¹, em que um homem anunciava ter tratado seus sintomas e os de sua esposa com o chá. Sem alertar para nenhum risco de qualquer efeito colateral que o chá possa causar, o autor assegura que teve resultados logo “no primeiro gole”. Além disso, usa como argumentação a facilidade de acesso ao constatar que a planta pode ser encontrada “em qualquer lugar”, o que pode atrair as pessoas a recorrerem ao chá.

⁹Disponível em: <https://www.facebook.com/OficialNazareTedesco/photos/boa-tarde-%EF%B8%8F%EF%B8%8F/1035514316623841/>. Acesso em 22 de abril de 2022.

¹⁰Disponível em: <https://pt.memedroid.com/memes/detail/2867626/quebrou-a-perna-filho-deixa-que-a-vo-faz-um-cha-de-boldo-que-sara>. Acesso em 13 de março de 2022.

¹¹ Disponível em: <https://youtu.be/LUnh8lcpE>. Acesso em 8 de abril de 2022.



Analisaremos agora, mais profundamente, um enunciado desinformativo no formato de texto, mas que também reafirma uma possível “cura milagrosa” por meio da ingestão do chá de boldo.

Figura 4: Chá de boldo



Fonte: Aos Fatos, 2020.

No plano verbal, o enunciado inicia-se declarando que o governo está gastando bilhões no combate ao coronavírus, situação que de fato foi evidenciada com os dados¹² fornecidos pelo Tesouro Nacional sobre o mês de maio de 2020, sobretudo devido aos gastos com o auxílio emergencial e o benefício especial de manutenção do emprego e renda. Em seguida, constata que “um irmãozinho de algum lugar sem faculdade em ciência e medicina” foi quem descobriu o combate aos sintomas do coronavírus por meio da ingestão do chá de boldo. Não é possível comprovar que o enunciado se refere propriamente ao homem da gravação do vídeo que citamos anteriormente, mas de acordo com a nossa abordagem teórico-analítica, compreendemos que as manifestações discursivas sobre um tema podem ser influenciadas mutuamente, de modo que um possível entrecruzamento de discursos pode e deve ser considerado no processo de construção dos

¹²Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/06/29/contas-do-governo-tem-pior-maio-da-historia-e-rombo-atinge-r-1266-bilhoes-1.ghtml>. Acesso em 8 de abril de 2022.



sentidos. Ressaltamos também a escolha lexical do termo “irmãozinho”, característico da esfera religiosa, que dirige o termo “irmão” como pronome de tratamento especialmente entre os membros do grupo.

Ao evidenciar que a descoberta foi feita por um homem “sem faculdade em ciência ou medicina”, o enunciador deslegitima o trabalho que tem sido realizado na esfera científica, que ainda não havia apresentado estudos conclusivos sobre uma medicação realmente eficaz para a COVID-19. Em contrapartida ao fazer científico que é considerado algo demorado e que requer trabalho e pesquisa, o enunciador se beneficia da ânsia dos sujeitos em retornarem o quanto antes para a “vida normal” ao prometer combater os sintomas em “três horas”.

O posicionamento negacionista e fundamentalista fica mais contundente quando o enunciador assegura que “realmente Deus usa as coisas loucas desse mundo para confundir as sábias!”. O uso do advérbio “realmente” demonstra que o enunciador está retomando e estabelecendo uma relação dialógica de convergência com o seguinte versículo bíblico¹³: “mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes.”. O versículo faz parte da argumentação do enunciador, que o utiliza com o intuito de demonstrar que a sabedoria cristã, embora rejeitada (e tida como “louca”) por grande parte dos sábios (estudiosos, cientistas), manifesta-se de modo a confundir a sabedoria do ser humano e, por isso, uma das formas de Deus manifestar o seu domínio é surpreendendo o homem com aquilo que ele não estava esperando.

Assim, partindo da materialidade discursiva que constitui o enunciado, é possível identificar um embate entre pelo menos dois pontos de vistas ou perspectivas ideológicas distintas: de um lado, a ciência, do outro, a religião. É em oposição ao discurso da ciência que o enunciador busca convencer seu leitor de que o *boldo*, criação divina, é a solução que até o momento os cientistas e pesquisadores (mesmo com os investimentos feitos pelo governo, conforme supracitado) não encontraram.

Conforme os postulados bakhtinianos, a quem o enunciado se direciona, ou seja, o seu *endereço*, é de fundamental relevância para entender o motivo pelo qual determinada estratégia discursiva foi lançada.

Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele. Essa consideração irá determinar também a escolha do gênero do enunciado e a escolha dos procedimentos composicionais e, por último, dos meios linguísticos, isto é, o estilo do enunciado. (BAKHTIN, 2011, p. 302).

Diante disso, podemos assumir que o enunciado é destinado a um público religioso que pode ser, em certa medida, negacionista da doença e da ciência. Além disso, também as convicções desse grupo de sujeitos foram, certamente, levadas em consideração pelo enunciador a fim de convencê-los do que se propõe. Para fazer com que a “informação” se espalhe, nas linhas finais, o enunciador

¹³ Disponível em: <https://www.biblionline.com.br/acf/1co/1/27-29>. Acesso em 8 de abril de 2022;



pede para que o leitor a compartilhe sob o argumento de que “se não fizer bem, mal não vai fazer!!!”. Conclui-se com a repetição de “compartilhe”, dessa vez usando o verbo no imperativo.

A afirmação incisiva de que “se não fizer bem, mal não vai fazer!!!”, acompanhada dos três pontos de exclamação, causa o efeito de uma verdade quase incontestável. Pode-se apreender, com base no que é dito, que o chá de boldo deve ser ingerido mesmo sem possuir nenhuma comprovação científica a respeito da sua eficácia, uma vez que mesmo que não surja efeito algum, não há risco algum para aquele que o ingere.

Essa última constatação reflete a generalização que existe, por parte do senso comum, de que receitas naturais (que usam plantas com propriedades terapêuticas, por exemplo) são seguras e até mesmo isentas de efeitos colaterais, o que na verdade é uma percepção equivocada. A generalização de que “mal não faz” se estendeu, no contexto pandêmico, também para alguns medicamentos sintéticos como, por exemplo, a medicação derivada da cloroquina

Tal medicação foi inclusive sugerida por figuras políticas mesmo sem possuir nenhuma comprovação sobre a sua real eficácia. Nos Estados Unidos, Donald Trump, recomendou que a cloroquina deveria ser tomada como forma de prevenir a infecção porque, em suas palavras, “o que realmente temos a perder?”¹⁴ e que o medicamento pode “ajudá-los, mas não vai prejudicá-los”¹⁵. No Brasil, também na esfera política e em defesa da ideia de um “tratamento precoce/preventivo”, o governo do presidente Jair Bolsonaro gastou aproximadamente R\$ 90 milhões com a aquisição de medicamentos sem eficácia cientificamente comprovada, como a cloroquina, a azitromicina e o ivermectina¹⁶. No primeiro semestre de 2021, Bolsonaro fez um questionamento parecido ao de Trump e que, mais uma vez, dialoga com o nosso enunciado: “se não faz mal, por que não tomar?”¹⁷.

CONCLUSÃO

Sendo o contexto pandêmico um espaço interditado e atravessado por diferentes formações discursivas que nos constituem enquanto sujeitos, nesta análise observamos o uso de posições fundamentalistas e negacionistas para legitimar o posicionamento acerca do tratamento e cura do coronavírus. Por meio do contexto e dos enunciados cotejados, é possível constatar que o debate que se criou a respeito da cura da COVID-19 transcende a esfera da saúde e coloca em embate diferentes vozes, discursos, sujeitos e seus diferentes grupos.

Os enunciados considerados desinformativos surgem com o propósito de defender uma determinada posição e, pelo descompromisso que possuem com a verdade, favorecem um cenário ainda maior de incertezas e instabilidades, podendo enfraquecer a adesão da população aos cuidados necessários de prevenção da doença. Por último, ressaltamos que o olhar que lançamos aos enunciados não se limita a este artigo pois, em concordância com o pensamento bakhtiniano, as relações dialógicas estão em constante movimentação no processo de construção dos sentidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

¹⁴ “What do you have to lose?”, tradução da autora.

¹⁵ “It can help them, but it's not going to hurt them”, tradução da autora.

¹⁶ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55747043>. Acesso em 6 de abril de 2022.

¹⁷ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/02/4904741-se-nao-faz-mal-por-que-nao-tomar--diz-bolsonaro-sobre-remedios-sem-eficacia-contra-covid-19.html>. Acesso em 6 de abril de 2022.



BAKHTIN, M. M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FURTADO, R. *Os diálogos do cotidiano nas redes sociais: a liquidez discursiva nos memes*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

GERALDI, J. W. *Heterocientificidade nos estudos linguísticos*. In: *GEGe. Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana*. Caderno de estudos IV para iniciantes. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. p. 19-39.

VOLÓCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: 34, 2017.